

2ª PARTE

POESIA

Um marulho. Longínquo, cá dentro. Da outra margem, ou do Rio Sem Margens?

Noemi Elisa Aderaldo

Como quem se despede do que nunca teve. Um vento gélido sobre o coração quente. O secreto enlevo de raiar, sol sobre a bruma, e de repente... A janela que dava, aberta ainda, para o que nunca terei. Persistência da semente sob o pedregume, pela árvore tão no seu seio. A chama levita erecta no fundo do santuário – flecha imóvel a apontada para o Sol. A reversão do milagre e a expectativa da cinza. Tudo tremula na escuridão. No mesmo frêmito se encontram todos os raios da alma errante, o sonho e seus contrários. Silente contemplar no imenso templo iluminado – a face do sonho mirando-se no espelho do aberto – quando a saudade veio e nela quedou-se o tempo antes de voltar a mover-se. Tenros botões levados pelas águas da corrente que leva e traz todas as flores. Depois o Deserto. A Noite se fechando sobre ele. E dentro dela um marulho. Longínquo, cá dentro. Da outra margem, ou do Rio Sem Margens?